
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

INSCRITURA E ESCRIVIVÊNCIA EM OS CORPOS E OBÁ CONTEMPORÂNEA (2005), DE HELENA DO SUL

Dênis Moura de Quadros¹ (UNIPAMPA)

Recebido em 22 de março de 2025; aprovado em 9 de julho de 2025.

RESUMO: A literatura brasileira, sobretudo a canônica, tem historicamente relegado as personagens negras femininas a estereótipos limitantes, como a mucama servil ou a mulata hipersexualizada. Essas representações não contemplam a complexidade das experiências das mulheres negras, que, desde o período de escravização, sustentam suas famílias enquanto enfrentam formas persistentes de exploração e opressão. No entanto, ao se apropriarem da escrita, essas mulheres ressignificam suas histórias e constroem narrativas que rompem com imagens cristalizadas e reafirmam identidades plurais. A novela social *Os corpos e Obá contemporânea* (2005), de Helena do Sul, insere-se nesse contexto ao abordar o trabalho, o corpo e a ancestralidade como elementos centrais da experiência feminina negra. A obra articula memórias laborais, experiências de violência e resistência coletiva, evidenciando a escrita como espaço de transgressão e emancipação, conforme argumentam Conceição Evaristo (2007; 2010; 2020) e Ana Rita Santiago (2012). Nesse sentido, a noção de *inscritura* (Quadros, 2023) reforça a escrita como prática insurgente, onde o corpo negro feminino não apenas narra, mas se inscreve na materialidade do texto. Assim, a literatura afro-brasileira se afirma como campo de engajamento identitário e político, tensionando estruturas de poder e promovendo novas formas de existência e narratividade para as mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-feminina; Inscritura; Escrevivência; Helena do Sul.

INSCRITURA Y ESCRIVIVENCIA EN OS CORPOS E OBÁ CONTEMPORÂNEA (2005), DE HELENA DO SUL

RESUMEN: La literatura brasileña, en especial aquella legitimada por el canon, ha relegado históricamente a las figuras femeninas negras a estereotipos reduccionistas, como la mucama servil o la mulata hipersexualizada. Tales representaciones ignoran la complejidad de las trayectorias vivenciales de las mujeres negras, quienes, desde el período de la esclavización, han sostenido sus comunidades mientras enfrentan múltiples formas de explotación y de opresión estructural. No obstante, a partir de la apropiación de la escritura, estas mujeres reconfiguran sus historias y elaboran narrativas que desafían imágenes cristalizadas, afirmando identidades plurales y dinámicas. La novela social *Os corpos e Obá contemporânea* (2005), de Helena do Sul, se inscribe en este horizonte al tematizar el trabajo,

¹ denisdpg10@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5733-6857>



el cuerpo y la ancestralidad como dimensiones fundamentales de la experiencia femenina negra. La obra articula memorias laborales, vivencias de violencia y procesos de resistencia colectiva, configurando la escritura como un espacio de transgresión y emancipación, conforme argumentan Conceição Evaristo (2007, 2010, 2020) y Ana Rita Santiago (2012). En este marco, el concepto de inscripción (Quadros, 2023) permite comprender la escritura como una práctica insurgente en la que el cuerpo negro femenino no solo narra, sino que también se inscribe en la materialidad del texto. De este modo, la literatura afrobrasileña se afirma como un campo de enunciación política y afirmación identitaria, en tensión con las estructuras hegemónicas, posibilitando nuevas formas de existencia y de narratividad para las mujeres negras.

PALABRAS CLAVE: Literatura afrofemenina; Inscritura; Escrevivência; Helena do Sul.

INSCRITURA AND ESCRIVIVÊNCIA IN OS CORPOS E OBÁ CONTEMPORÂNEA (2005) BY HELENA DO SUL

ABSTRACT: Brazilian literature, especially the canonical one, has historically relegated Black female characters to limiting stereotypes, such as the servile *mucama* or the hypersexualized *mulata*. These representations fail to encompass the complexity of Black women's experiences, who, since the period of enslavement, have sustained their families while facing persistent forms of exploitation and oppression. However, by reclaiming writing, these women resignify their histories and construct narratives that break with crystallized images and reaffirm plural identities. The social novel *Os corpos e Obá contemporânea* (2005), by Helena do Sul, is situated within this context by addressing labor, the body, and ancestry as central elements of Black female experience. The work articulates labor memories, experiences of violence, and collective resistance, highlighting writing as a space of transgression and emancipation, as argued by Conceição Evaristo (2007; 2010; 2020) and Ana Rita Santiago (2012). In this sense, the notion of *inscritura* (Quadros, 2023) reinforces writing as an insurgent practice, in which the Black female body not only narrates but is inscribed into the materiality of the text. Thus, Afro-Brazilian literature asserts itself as a field of identity and political engagement, challenging power structures and promoting new forms of existence and narrativity for Black women.

KEYWORDS: Afro-feminine literature; *Inscritura*; *Escrevivência*; Helena do Sul.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As representações de mulheres negras na literatura brasileira, ao menos a canônica, têm apresentado personagens que giram em torno do corpo laboral, as mucamas do período escravocrata, ao corpo hipersexualizado da mulata, estereótipo que é consolidado com o discurso da democracia racial. Logo, ambas as figuras, já bastante gastas, não representam a história dessas mulheres que são responsáveis pelo sustento das famílias negras desde o período de escravização.

Assim, ao “assenhorarem-se” das palavras, notamos que as mulheres negras rompem com essas figuras e criam outras que, talvez, expressem com mais justiça suas histórias e estórias. Ao falarem de si, trazem a representação de muitas outras mulheres e famílias negras que ainda sobrevivem a inúmeras formas de opressão e políticas de genocídio em andamento no Brasil.

Assim sendo, esse texto explora a escrita de autoria de mulheres negras a partir da análise da novela social *Os corpos e Obá contemporânea* (2005), da escritora negra gaúcha Maria Helena Vargas da Silveira ou, como a autora se autodenomina, Helena do Sul. Ao demonstrar como a autora negra gaúcha constrói uma obra que não apenas narra, mas também inscreve, no texto, os traços de um corpo atravessado por raça, gênero e ancestralidade, percebemos que essas obras trazem uma corporeidade e outros traços estéticos que a distinguem.

Sobre literatura afro-brasileira, Eduardo de Assis Duarte (2010: 79), afirma que “essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização do livro”. Percebemos que uma das estratégias em voga para essa questão é a publicação em antologias a exemplo de *Cadernos negros* que desde 1978, organizado pelo grupo Quilombhoje, reúne poemas e contos de autoria negra.

Ainda, Duarte descreve a literatura afro-brasileira em cinco características: a temática engajada, seja em desconstruir estereótipos ou reafirmar a ancestralidade africana e afro-brasileira; a autoria, também engajada no processo identitário; o ponto de vista desses personagens e protagonistas; a linguagem que apresenta traços da oralidade; e um leitor pressuposto também negro que, talvez, ainda não tenha sido atingido.

Nesse sentido, os processos identitários engendrados pela novela social da gaúcha Helena do Sul perpassam, também, pela sua experiência como mulher negra e gaúcha. Para tanto, elenco um recente conceito, gestado pela intelectual negra Ana Rita Santiago a partir de sua tese de doutoramento em que pesquisou a obra poética de mulheres baianas interseccionalizada com entrevistas. Assim sendo, a “literatura afro-feminina”, grafada ora com hífen, desvelando um hiato ou ponte entre o “afro” e o “feminina”, ora sem hífen, mostrando que não deve haver mais rupturas, trata-se de:

uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismos negros comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. (Santiago 2012: 159)

A partir desses recentes e complexos conceitos, analisarei a novela *Os corpos e Obá contemporânea* (2005), da escritora negra gaúcha Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009) que, após assumir o cargo de consultora na Fundação Cultural Palmares, autodenomina-se Helena do Sul. Nascida em Pelotas em 4 de setembro de 1940, Helena do Sul concluiu o curso normal e obteve a licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1971. Ao longo de sua trajetória profissional, exerceu a docência em escolas públicas de diversas cidades do Rio Grande do Sul, com destaque para Pelotas e São Lourenço do Sul. Sua atuação na educação

também se estendeu ao setor privado, sendo a primeira pedagoga a integrar a rede de supermercados Carrefour. Em 1999, transferiu-se para Brasília para assumir um cargo administrativo na Fundação Cultural Palmares, instituição na qual passou a ser conhecida pelo epíteto de Helena do Sul. Durante dois anos, desempenhou funções como consultora de projetos e planejamento da formação continuada de docentes que atuavam em comunidades quilombolas remanescentes. Além disso, colaborou como consultora da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Helena do Sul faleceu em 2009, vítima de um aneurisma cerebral.

INSCRITURA E ESCRIVÊNCIA: FERRAMENTAS OGÚNICAS

Inscritura é um marcador teórico-analítico cunhado pelo pesquisador Denis Moura de Quadros (2023) pensando os atravessamentos de raça e gênero, bem como a questão regional. Para tanto, o conceito pode ser compreendido como uma abordagem teórico-crítica que articula a escrita literária à materialidade das experiências vividas e à corporeidade de sujeitos historicamente marcados por atravessamentos de raça, gênero e classe. Enquanto conceito teórico, “inscritura” destaca como o ato de escrever é permeado por marcas existenciais que ressoam no texto, configurando uma poética em que a memória, o corpo e a ancestralidade são elementos constitutivos e inseparáveis.

Destarte, “inscritura” não é apenas um recorte metodológico, mas uma chave analítica que permite interpretar/compreender a escrita como um processo profundamente encarnado e contextualizado. No caso da autoria de mulheres negras, a inscritura torna-se um dispositivo teórico potente para iluminar como o corpo negro-atravesado pela escrevivência, pela resistência e pela ancestralidade se inscreve na narrativa literária como protagonista de experiências e produtor de epistemologias.

Ao conceber a escrita como um processo situado, no qual a corporeidade e a experiência histórica das mulheres negras são constitutivas do ato de narrar, a ideia de “inscritura” ganha relevância não apenas como método, mas como gesto político e epistemológico. A literatura negra feminina, ao reivindicar a centralidade de suas próprias vozes, tensiona o cânone e reposiciona sujeitos historicamente marginalizados na cena literária. Nesse contexto, a apropriação da escrita pelas autoras negras não se dá de maneira neutra, mas como um ato de insurgência contra as estruturas de poder que historicamente silenciaram suas narrativas. Assim, “Assenhorando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação” (Evaristo 2020: 223)

A escrevivência, termo cunhado pela intelectual negra Conceição Evaristo (1946-), estabelece um modo de narrar que ultrapassa a dimensão estética para se afirmar como prática de resistência e inscrição da subjetividade negra na literatura. Diferente de uma escrita distanciada ou meramente ficcional, a escrevivência carrega as marcas da experiência coletiva e das memórias ancestrais, convertendo-se em um dispositivo

teórico e político para a construção de novas epistemologias. Dessas epistemologias, Evaristo afirma que “A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas talvez, antes de tudo, de revelação do utópico desejo de construir um outro mundo” (2010: 133). Nesse sentido, a literatura afro-feminina não apenas registra experiências, mas também projeta possibilidades, inscrevendo no texto um desejo de transformação que desafia estruturas hegemônicas e propõe novas formas de existência e resistência.

É nesse horizonte que a escrevivência se delineia como um conceito fundamental para compreender a produção literária de mulheres negras. Diferente de uma escrita descolada da experiência ou pautada pela ficção distanciada, a escrevivência emerge do cotidiano e das memórias individuais e coletivas, marcadas por violências, resistências e ancestralidades. Ao reivindicar o direito de narrar a si mesmas, as autoras negras rompem com a lógica da subalternização e inauguram uma literatura em que a experiência vivida não é apenas temática, mas estrutura fundante do próprio texto. A gênese dessa escrita está no acúmulo de vozes e “Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo” (Evaristo 2007: 19).

Nesse sentido, a escrita das mulheres negras não se configura apenas como um ato individual, mas como um gesto coletivo, em que o corpo negro e feminino se inscreve na literatura como portador de axé, de história e de resistência. Como enfatiza Quadros (2023: 17), trata-se de uma “inscritura” que carrega as marcas de um corpo negro e, sobretudo, de um corpo de mulher negra na sociedade brasileira, instaurando a “escrita de nós”, em que o eu narrativo se entrelaça à ancestralidade e às vivências compartilhadas. Reitero: “Escritura, por ser sagrada, por portar o axé, inscritura por ser atravessada por um corpo negro e, sobretudo, um corpo de mulher negra na sociedade brasileira” (Quadros 2023: 17).

Essa escrita insurgente, forjada na experiência e na memória coletiva, pode ser compreendida como o que chamamos de ferramentas ogúnicas – instrumentos de luta e transformação que desbravam territórios interditados e afirmam novas possibilidades de existência. Ogum, orixá associado à abertura de caminhos, à guerra e à forja do ferro, simboliza a potência dessa escrita que rompe silenciamentos e forja um espaço próprio no campo literário. Ainda, o Ogum é regente da agricultura, uma tecnologia ancestral que, ainda hoje, não permite que as famílias passem fome e é contra a fome que também se resiste.

Dessa forma, a escrevivência e a inscritura convergem como práticas de resistência, em que a palavra não é apenas um instrumento de representação, mas também de reinvenção da realidade. Se a literatura é, como sugere Evaristo (2010), um modo de revelar o desejo utópico de outro mundo possível, então a escrita de mulheres negras se apresenta como um território onde essa possibilidade se desenha com corpo, voz e história. Trata-se, portanto, de um gesto que não apenas reivindica espaço no cânone, mas tensiona seus limites, deslocando os discursos hegemônicos e instaurando novas formas de narrar e conhecer. A inscritura consiste no gesto de se

inscrever na materialidade do texto com corpo e voz, desestabilizando as estruturas tradicionais da escrita e afirmando novas formas de existência.

ANÁLISE DA NOVELA SOCIAL

A produção literária de Maria Helena Vargas da Silveira, especialmente suas novelas sociais, insere-se em um movimento mais amplo da literatura afro-brasileira que tensiona as estruturas narrativas hegemônicas e propõe novos modos de dizer a experiência negra. Nessa obra, a narrativa se estrutura como um duplo gesto: de um lado, a escrevivência, conceito formulado por Conceição Evaristo (2007; 2010; 2020) para designar uma escrita que emerge das experiências negras coletivas e individuais, inscrevendo-se na materialidade da memória e do corpo; de outro, a inscritura, conforme argumentado por Denis Quadros (2023), como um processo de afirmação textual que (re)inscreve corpos e histórias afrodiáspóricas nos espaços discursivos da literatura.

A personagem central, Azantewaa, encarna esse duplo gesto ao se configurar como um corpo-escrita, em que o próprio ato de narrar se entrelaça às marcas históricas de resistência da diáspora africana. Seu nome evoca Yaá Asantewaa (1850-1921), liderança feminina do Império Ashanti que enfrentou o colonialismo britânico, transpondo para a literatura uma linhagem de guerreiras negras que desafiam tanto a violência colonial quanto as opressões contemporâneas. Essa estratégia onomástica não é mero artifício literário, mas uma prática de inscritura, na medida em que reinscreve a memória africana em um contexto narrativo que questiona o apagamento histórico.

A novela, construída em vinte e seis capítulos, cada um iniciado pela palavra “corpo” qualificada por um adjetivo, desloca o corpo negro da posição de objeto de discurso para a de sujeito de enunciação. O corpo, nesse contexto, é uma superfície de inscrição histórica e política, revelando-se como o eixo central da experiência negra na obra. A protagonista Azantewaa transita entre a memória ancestral e as dificuldades contemporâneas das mulheres negras, evocando os deslocamentos e descon continuidades da diáspora. A estrutura espiralada da narrativa reforça essa dinâmica, aproximando-se de um projeto de escrita que rompe com a linearidade, conceito eurocêntrico, e se aproxima da circular, conceito afrocêntrico.

Além disso, a escolha de Helena do Sul – heterônimo literário da autora – para assinar a obra opera como um desdobramento da escrevivência, ao reforçar a noção de que a produção literária negra não é meramente ficcional, mas uma afirmação de existência e resistência. A autora explicita essa multiplicidade ao afirmar: “Maria Helena, Helena do Sul, Helena, Malena, Mahê e Maria porque são muitas mulheres dentro de mim, responsáveis pela criação de *Obá Contemporânea*” (Silveira 2005: 7). Tal afirmação revela uma prática narrativa que se constrói na fragmentação e na polifonia, articulando subjetividades que se sobrepõem e se contaminam, ecoando a tradição oral africana como um espaço de reexistência.

Narrada em terceira pessoa, com uma voz narrativa onisciente, a novela social apresenta Azantewaa como uma protagonista cuja existência é atravessada por forças deterministas e estruturais que condicionam sua trajetória. Desde as primeiras páginas, a narrativa a insere em um universo marcado pela fatalidade, evidenciando como sua subjetividade é forjada em meio a sistemas de opressão e crenças que limitam sua agência: “amarrada à crença do predestinado, do determinismo e da morte” (Silveira 2005: 11). A personagem não apenas habita esse espaço simbólico de constrição, mas é também descrita como submissa a forças que transcendem sua vontade: “Subalterna aos desígnios dos deuses, existia” (Silveira 2005: 11). A escolha do verbo “existia”, no pretérito imperfeito, sugere uma permanência inescapável nesse estado de subalternidade, reforçando a condição histórica de apagamento das mulheres negras no Brasil.

A espacialidade da protagonista reforça esse enraizamento em estruturas sociais desiguais. Azantewaa reside em frente a uma rede de supermercados, espaço de circulação e consumo que metaforiza a lógica neoliberal e colonial que mercantiliza corpos e subjetividades. Sua moradia nesse lugar, portanto, não se dá de forma aleatória, mas inscreve-se como um marcador de sua posição na sociedade e de seu lugar no imaginário urbano. No entanto, é a partir desse espaço que a personagem inicia sua resignificação, movimentando-se entre a oralidade e o silêncio como formas de elaboração de sua própria existência. Inicialmente, Azantewaa é descrita como uma mulher que encontra potência na fala: “Ela era uma mulher que falava muito e lhe fazia bem (...) Depois, muito depois é que experimentou ficar calada e ouvir muito, muito” (Silveira 2005: 27). Esse movimento entre o falar e o calar não é meramente um aspecto comportamental, mas um dispositivo de resistência e agência. Se a oralidade é um dos pilares da escritivência, permitindo que as mulheres negras se inscrevam na história a partir de suas próprias vozes, o silêncio, por sua vez, pode ser interpretado como um espaço de elaboração interna, de escuta ancestral e de reelaboração de sentidos.

Dessa forma, a protagonista encarna a própria dinâmica da inscritura, na qual sua trajetória não se reduz à repetição do destino que lhe foi imposto, mas se constrói na tensão entre determinação e reinvenção. Seu percurso, assim, não se limita a uma trajetória de superação individual, mas reflete um processo coletivo de mulheres negras que, ao longo da história, tiveram que negociar suas existências dentro de estruturas que as subjugam. A partir dessa tessitura, Azantewaa se inscreve como sujeito de sua própria narrativa, fazendo eco à afirmação de Conceição Evaristo de que “escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo” (Evaristo 2007: 19).

O capítulo V, *Corpo-mulher*, reedita o conto “Iniciação”, publicado originalmente em *Odara: fantasia e realidade* (1993). Nessa narrativa, Helena do Sul, agora na pele de Azantewaa, consulta um Ganga – ou Nganga, em banto –, que, por meio do oráculo de Ifá, revela os mistérios inscritos em seu Ori. O capítulo desvela o conflito de Azantewaa diante da fascinação pelo corpo-luz-mistério que observa da janela: “Mulher negra é poderosa” (Helena do Sul 2005: 35). Iniciada em Oxum, Orixá das águas do-

ces e rival amorosa de Obá, a protagonista descobre-se herdeira de uma ancestralidade negra milenar. Esse reconhecimento transforma sua percepção de si e do mundo, levando-a a planejar como manifestar seu encanto diante da presença enigmática que atravessa suas madrugadas e encruzilhadas, tornando-se parte essencial de sua existência. Mas permanecem a solidão e a busca de completude a partir de um corpo-luz-mistério que é esperado durante mais da metade da obra.

Essa solidão não era apenas um estado emocional, mas uma imposição histórica que lhe cerceava a existência: “O que menos desejava era continuar falando sozinha pelas madrugadas, para as paredes. (...) Ela era um corpo com medo, um corpo enquadrado para não fazer as vontades dele próprio” (Silveira 2005: 39). O medo e o enquadramento não surgem apenas como barreiras individuais, mas como marcas do colonialismo sobre os corpos negros femininos, condicionando-os à subalternidade e ao silenciamento.

A protagonista internaliza esse confinamento, sendo forçada a uma existência limitada pelas expectativas sociais e pelo esgotamento afetivo: “Reafirmava-se um corpo doméstico e desiludido” (Silveira 2005: 46). O termo “corpo doméstico” transcende a materialidade da casa e alude à apropriação histórica dos corpos negros no espaço privado, confinados ao trabalho e ao sacrifício. No entanto, é justamente nessa clausura que Azantewaa começa a vislumbrar sua insurgência, rompendo com a passividade imposta e reivindicando sua corporeidade como território de resistência.

A espera pelo corpo-luz-mistério não é apenas um anseio individual, mas uma repetição de um destino compartilhado por muitas. Azantewaa, como tantas outras mulheres da Central Única das Obás (Central fictícia que rememora o mito em que a Orixá Obá corta uma de suas orelhas para servir a seu marido Xangô), aprende a moldar-se ao desejo do outro, a oferecer partes de si na tentativa de preencher vazios que não são apenas seus. Seu corpo, marcado pelo tempo e pela expectativa, carrega as cicatrizes de um amor que se antecipa à própria chegada, um amor que se constrói na ausência e na promessa.

No entanto, essa espera não se dá sem fissuras. Entre o desejo e a renúncia, entre a submissão e a insurgência, Azantewaa confronta a estrutura que a define e, aos poucos, ensaia outras possibilidades. Atravessada por silêncios impostos, mas também por uma voz que luta para emergir, sua jornada se inscreve como um embate entre a tradição que a domestica e a potência que nela resiste. Logo, ao se encontrar com seus pares e movidas por Zola, personagem central na ruptura e libertação das Obás (mulheres mutiladas), Azantewaa compreende que pode e deve amar-se e ser amada em uma ruptura que “conscientizasse as Obás de que elas possuíam valor por si mesmas e que poderiam ter outros objetivos na vida” (Silveira 2005: 109). Na esteira de pensamento da “inscritura” (Quadros 2023), tanto as marcas da mutilação, sacrifícios diários das mulheres negras, quanto a ruptura dessa situação rompe com certas imagens construídas na literatura canônica e na midiática de mulheres negras ora sexualizadas, e não ideais ao casamento, ora laborais, e, também não ideais ao casamento.

A memória e a ancestralidade emergem na narrativa como forças estruturantes da identidade das personagens, articulando-se ao processo de escrevivência e à literatura afro-feminina enquanto espaços de resistência e reconfiguração do vivido. Se, para Azantewaa, o corpo é território de sacrifício e espera, para outras figuras da trama, a palavra e a rememoração tornam-se ferramentas de ruptura e reinvenção. Nesse sentido, a escrita opera como um campo de disputa, em que a evocação do passado e a inscrição das experiências afrodescendentes criam fissuras no discurso hegemônico, permitindo que trajetórias antes silenciadas ressurgam como testemunhos de dor, luta e, sobretudo, possibilidade de transformação.

Ao longo da narrativa, os personagens secundários emergem como ecos da trajetória de Azantewaa, inscrevendo no texto diferentes formas de corporeidade e expressão. Zequinha, com seu “corpo assumidamente lésbico”, e Cléo, “seu amigo homossexual”, não apenas participam da escrita dos bilhetes para o corpo-luz, mas também evocam a existência de um espaço de sociabilidade onde a palavra e o afeto se entrelaçam como resistência. Suas presenças deslocam a protagonista do isolamento, evidenciando que o corpo não se faz apenas na solidão do desejo, mas também na partilha de experiências e no pertencimento comunitário.

No metaconto “Carussundê – Samba, Caruru e Dendê”, a crítica mordaz à representação dos corpos negros na mídia é dramatizada por Zum Zum Zum, uma mestra cujas falas dispersas e desconexas apontam para a negação de uma voz legítima na esfera pública, e Dita, ou Gal, que se vê branca, reiterando as tensões identitárias forjadas pelo olhar colonial. A tese de Gal para ser branca discorre sobre os espaços a que ela tem acesso na sociedade. Gal (Dita) afirma: “eu ganho mais de dez salários-mínimos mensais” (Silveira 2005: 66).

A relação entre corpo e voz adensa-se ainda mais com Luara, a mulher que performa a liberdade ao permitir que seu corpo seja autografado pela plateia, convertendo-se simultaneamente em tela e texto, em signo e superfície de inscrição. Já Vovó Candinha, representante dos saberes ancestrais, inscreve no corpo de Azantewaa a continuidade da tradição ao lhe prescrever banhos de ervas, nos quais voz e corpo se misturam num ritual de conhecimento e desejo. No entanto, ao errar a ordem dos banhos, Azantewaa experimenta uma subversão inesperada: o corpo que deveria se apaziguar torna-se sedução inadvertida, instaurando uma ruptura entre a intencionalidade da tradição e os efeitos de sua execução. Assim, a corporeidade negra na narrativa se constrói não apenas na materialidade dos corpos visíveis, mas no embate constante entre silêncio e voz, controle e transgressão, desejo e interdito.

Casaca surge na narrativa como um corpo marcado pela brutalidade do Estado. Sua trajetória é atravessada pela violência institucional, deixando cicatrizes mais profundas no espírito do que no corpo. Como afirma a narradora: “Não era ladrão nem homicida, mas ficou tão estragado, mais de espírito do que de corpo, e sua aparência saudável nem de longe denunciava os choques, o pau de arara e as caganças do passado” (Silveira 2005: 92). Sua figura evidencia o impacto da tortura e do silenciamento forçado, denunciando um sistema que disciplina corpos e sufoca vozes. Ainda, percebemos as marcas da oralidade na novela social com a escolha lexical da palavra

“cagança”. No entanto, mesmo carregando as marcas da opressão, Casaca permanece como um testemunho vivo da brutalidade histórica, compondo, ao lado de outros personagens, um cenário onde a dor e a resistência se entrelaçam na tessitura social e pede uma biografia sua, o que não ocorrerá.

Ainda, a novela da autora negra gaúcha, desvela memórias de um resquício colonial a partir de Nana. As memórias laborais na narrativa evidenciam a permanência de estruturas coloniais no mundo do trabalho, especialmente para mulheres negras. A lavoura e o trabalho doméstico, ofícios historicamente vinculados ao regime escravocrata, reaparecem na trajetória de personagens que, geração após geração, continuam confinadas a essas ocupações. Esses espaços, longe de serem meramente contextos profissionais, funcionam como dispositivos de controle dos corpos, restringindo possibilidades de ascensão e autonomia. A novela expõe como essas experiências moldam subjetividades, imprimindo marcas tanto físicas quanto simbólicas, e dialoga com a escrevivência ao transformar essas vivências em narrativa, desafiando o apagamento histórico:

Nana havia sido uma companheira de Azantewaa na turma da lavoura, quando aos quinze anos de idade saiu de caminhão, juntamente com mais ou menos uns quarenta corpos femininos para preparar a terra e plantar em lugar definido de poderosos corpos latifundiários que contratavam sem carteira e só de boca, centenas de corpos femininos e masculinos para que os ajudassem a aumentar suas fortunas, em troca de comida, alguns cruzeiros que deixavam na cantina do acampamento e a perda de saúde de tanto lidarem com veneno, com substâncias matadoras para acabar com as formigas e outros insetos que prejudicavam a plantação. Nana e Azantewaa eram dois corpos sobreviventes da turma da lavoura. (Silveira 2005: 59)

As trajetórias laborais de Nana e Azantewaa evidenciam a brutalidade da exploração que corpos negros, especialmente femininos, enfrentam em um ciclo contínuo de subalternização. A experiência na lavoura, onde trabalharam desde os quinze anos sem direitos garantidos, remete a um passado colonial que persiste no presente, revelando a herança da escravização nas relações de trabalho. A narrativa enfatiza que esses corpos femininos não são apenas força produtiva, mas também matéria descartável, exposta a condições insalubres e desumanizantes. Esse percurso de exploração inscreve-se na memória coletiva da população negra e transforma-se em literatura através da escrevivência, um ato político que, segundo Conceição Evaristo, não apenas narra o mundo, mas revela “o utópico desejo de construir outro mundo” (2010: 133).

Essa resistência perpassa não apenas a lavoura, mas também os diversos espaços de trabalho nos quais Nana e Azantewaa se inserem, sempre marcados por relações hierárquicas que reforçam a desigualdade racial e de gênero. Seja na casa do militar neurótico, na residência onde os empregados eram servidos em latas de extrato de tomate, sob a vigilância de uma freira avarenta ou no galpão dividido com uma senhora esclerosada, elas enfrentam a precariedade e o desprezo dos patrões, que

naturalizam a desumanização do serviço doméstico. A literatura afro-feminina, como destaca Ana Rita Santiago, é um espaço de insurgência contra essas realidades, pois “a escrita é (...) um lugar decisivo para mudar os percursos de suas vidas e de escolhas, as quais, pretendem que sejam emancipadoras ou, pelo menos, transgressoras” (2012: 153). Ao registrar essas vivências, a narrativa não apenas denuncia a continuidade da exploração, mas também reivindica para essas mulheres o direito de existir para além do trabalho exaustivo.

A escrita, assim, torna-se um instrumento de reconfiguração das memórias laborais de Azantewaa e Nana, ressignificando suas dores e resistências dentro de um horizonte de luta. A literatura afro-feminina não apenas expõe o ciclo da exploração, mas também desafia a naturalização dessas trajetórias, conferindo-lhes agência e historicidade. Ao transformar experiências de opressão em narrativa, a obra não apenas documenta a realidade, mas a confronta, inserindo-se em uma tradição que não apenas denuncia, mas também anuncia possibilidades de ruptura.

Zola representa a possibilidade de ruptura com o ciclo de sacrifício que historicamente marca os corpos femininos na narrativa. Como presidente da Central Única das Obás, ela encarna a contradição entre a consciência das violências sofridas e a tentativa de superação delas. Embora liderasse um grupo de mulheres dilaceradas pelo amor, Zola mantinha o espírito livre e a campanha “sofrimento zero”, uma postura que gradualmente desloca a Central para um novo paradigma. Com sua atuação, as “Obás contemporâneas” emergem como uma reinvenção da coletividade feminina, recusando a lógica do sacrifício como condição para o afeto e reivindicando o direito ao desejo e à autonomia.

Essa transformação se concretiza no diálogo entre Azantewaa e Luara, que, por meio de um e-mail, apresenta o conceito de um novo balé demográfico dos corpos. A afirmação de Luara – “Preciso amar e ser amada sem mutilações. Sou uma Obá contemporânea” (Silveira 2005: 145) – sintetiza a recusa da subalternidade e o desejo de um amor que não exija renúncia de si. A noção de “Obá contemporânea” se insere na narrativa como uma possibilidade de reconstrução das subjetividades femininas negras fora dos moldes que as impõem como cuidadoras e mártires do amor. Nesse sentido, a trajetória de Azantewaa, antes marcada pelo desejo de um corpo-masculino-luz, encontra em Zola e Luara novas perspectivas para existir no mundo.

A literatura aqui se torna mais uma vez um espaço de transgressão e emancipação, alinhando-se à proposta de Ana Rita Santiago (2012) sobre a escrita como um meio de mudança e reafirmação de escolhas libertadoras. O encerramento da narrativa não apresenta uma resolução tradicional, mas uma abertura para a reinvenção, para a continuidade de um processo de deslocamento e reconstrução de si. Azantewaa, ao receber essa nova perspectiva de Luara, não apenas testemunha a transformação das Obás, mas também se vê diante da possibilidade de reescrever sua própria história fora dos enquadramentos que a limitavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas ao longo deste trabalho demonstram como a escrita de autoria de mulheres negras, especialmente na obra de Helena do Sul, opera um deslocamento essencial na literatura brasileira. Em *Os corpos e Obá contemporânea* (2005), a autora ressignifica as experiências femininas negras, trazendo para o centro do discurso narrativo uma perspectiva que desafia e questiona os estereótipos historicamente atribuídos a essas mulheres.

Atravessada pelos conceitos de escrevivência e literatura afro-feminina, a novela social de Helena do Sul constrói subjetividades que se insurgem contra as marcas do silenciamento e da subalternidade. A história de Azantewaa e de outras personagens não apenas denuncia as violências sofridas por mulheres negras em contextos laborais precarizados, mas também propõe caminhos de resistência e reinvenção identitária, como se observa na criação das “Obás contemporâneas”. Assim, a literatura torna-se um espaço de insurgência, um meio de reescrita das histórias e estórias que têm sido apagadas ou distorcidas pelo discurso hegemônico.

A relevância da obra de Helena do Sul se insere no contexto mais amplo da literatura afro-brasileira, que, conforme Eduardo de Assis Duarte (2010), enfrenta barreiras históricas para sua materialização e difusão. A luta pela visibilidade e reconhecimento dessas produções é também uma luta pela ampliação do panteão literário brasileiro, que ainda hoje marginaliza muitas vozes negras. Nesse sentido, a análise dessa novela social reafirma a importância de compreender a literatura não apenas como expressão artística, mas como um ato político de afirmação identitária e de disputa pelo direito de narrar a própria história.

Dessa forma, este artigo sobre a novela social de autoria de Helena do Sul reforça o papel transformador da literatura de autoria negra. As personagens criadas por Helena do Sul evidenciam não apenas os desafios impostos pelo racismo e pelo sexismo, mas também as potentes estratégias de sobrevivência e autonomia construídas por mulheres negras ao longo da história. A novela social analisada não só reescreve os lugares de existência dessas mulheres, mas também convoca o leitor a repensar os paradigmas que regem a literatura e a sociedade brasileiras.

Por fim, o conceito de “inscritura” (Quadros 2023) evidencia uma ferramenta ogúnica que propõe um olhar inovador sobre a literatura, especialmente a de autoria negra. Enquanto estética pressupõe uma categoria artística movente, aberta e inclusiva pautada na interação entre letra, corpo e performance. O corpo não é apenas uma temática, mas opera como arquivo vivo de vivências e memórias ancestrais. Já enquanto ética, evoca o engajamento político da resistência e das suas amplas formas, bem como a dissonância da escrita como lâmina que não apenas denuncia, mas objetiva acordar os da “Casa Grande”. Assim sendo, une-se à escrevivência (Evaristo 2007; 2010; 2020) para analisar a escrita dessas mulheres negras, evocando, os corpos e os atravessamentos desses corpos.

OBRAS CITADAS

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.55702/3m.v14i23.10953>.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Marcos Antônio Alexandre, org. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. Edmilson de Almeida Pereira, org. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2010. 132-142.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. Liane Schneider & Nadilza Martins de Barros Moreira, orgs. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: CCTA, 2020. 219-229.

QUADROS, Denis Moura de. *Ferramentas afrocentradas para pensar uma Literatura de autoria de mulheres negras gaúchas*. São Paulo: Na raiz, 2023.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas: Ed. UFRB, 2012.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. *Os corpos e Obá contemporânea*. Porto Alegre: Centro de Estudo Brasil Haiti, 2005.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. *Odara: fantasia e realidade*. Porto Alegre: Rainha Ginga, 1993.